

## **Encontro Nacional da CVX: *Para onde nos leva o Senhor?***

São Paulo, 24 a 26 de abril de 2009 – Centro Pastoral Santa Fé

### **A CVX: CORPO APOSTÓLICO E PROFÉTICO**

Carlos Palácio, S.J.

#### Introdução

A minha tentação ao receber o convite para esta pequena exposição foi lamentar-me, como Jeremias (1, 6): "Ah, Senhor Deus, eu não sei falar!", ou resistir como Moisés (Ex. 4, 10 ss: "tenho a boca pesada e a língua também"). Não por falta de idade..., mas por sentir-me sem direito a tomar a palavra num encontro nacional de CVX, com a qual, por circunstâncias da vida, nunca tive um envolvimento oficial. E agora, por circunstâncias da vida e do cargo também, recebo um convite que me brinda a oportunidade de descobrir que, quando o Senhor nos envia, a nós toca só emprestar-lhe a voz, pois, como Ele disse a Moisés, "Eu estou com a tua boca e te instruirei sobre o que deverás dizer" (Ex. 4, 12).

É assim, desarmado, que me dirijo a vocês hoje. Contento por ter sido 'intimado' a conhecer mais de perto a CVX e o que nos une na história e na experiência.

Para o principiante que sou eu, o tema – "A CVX como corpo apostólico e profético" – é enorme e me desborda. São os dois aspectos que condensam as duas últimas Assembléias Gerais: Nairobi 2003 e Fátima 2008. Não tenho a pretensão de acrescentar algo de novo ao que vocês já sabem. Tratarei apenas de dar-lhes a minha percepção, na esperança que possa iluminar de alguma forma estes dois aspectos. E o farei à luz do tema do encontro: "para onde nos leva o Senhor?" Pergunta que nos coloca em estado de busca, de discernimento, i.é. como concretizar no Brasil as duas dimensões de 'corpo apostólico' e de 'corpo profético'? Mas antes de nos debruçarmos sobre essas duas dimensões, apostólica e profética, é importante rememorar, mesmo rapidamente, qual é a raiz das mesmas. Estes são, pois, os passos que daremos: 1) Um pressuposto: a vocação cristã fundamental; 2) Como ser comunidade apostólica? 3) Como ser comunidade profética?

#### I. Um pressuposto: a vocação cristã fundamental

Por que ficamos todos positivamente surpreendidos com a ousadia das duas últimas Assembléias Gerais? Qual o alcance dessa reivindicação apostólica e profética para uma Associação de leigos como a CVX? Que significa isso em termos de Igreja do século XXI e da presença dos leigos cristãos na cultura e no mundo modernos?

Mais do que aprender coisas novas – conhecidas, sem dúvida, por todos – trata-se de tomar consciência mais nítida das conseqüências de algo sabido, mas não explicitado. Refiro-me à virada que supôs o Concílio Vaticano II com relação aos leigos e ao seu lugar na Igreja. É aí que tem as suas raízes o que 40 anos depois nos pareceu uma novidade instigante e provocadora em Nairobi e em Fátima. A

convocação a ser um corpo apostólico e profético é o desdobramento da mudança radical operada pelo Vaticano II ao compreender a comunidade eclesial como comunhão de todos os cristãos na mesma vocação cristã fundamental e não a partir da sua estrutura hierárquica e institucional.

Até hoje estamos às voltas com os desdobramentos dessa afirmação. Ao considerar como chão comum da Igreja a comunhão de todos no mistério que constitui a vocação cristã, a *Lumen Gentium* desabsolutizava o aspecto institucional e hierárquico, colocando-o a serviço da Koinonia. Carismas, ministérios – ordenados ou não – e outras funções existentes na Igreja são 'serviços' para alimentar e fazer crescer essa vida em comunhão. Essa mudança de perspectiva está também, de alguma forma, na origem de certa crise tanto na Vida religiosa como no Sacerdócio presbiteral. Essas 'vocações' são, em certo sentido, derivadas, segundas, e têm que redefinir-se e compreender a sua identidade a partir da 'vocação cristã primeira e fundamental' que é a vocação de todo fiel cristão, ou seja, a dos 'leigos' (cfr. dito de S. Agostinho). Eis por que se pôde dizer que a Igreja do s. XXI será cada vez menos 'clerical' e mais 'leiga'. O que teologicamente é mais profundo e radical do que o simples 'protagonismo dos leigos' numa Igreja que continuaria clerical.

As conseqüências dessa mudança de perspectiva são enormes porque ela significava colocar em destaque, em primeiro lugar, a grandeza e a riqueza originárias da vocação cristã, *comum* a todos, i.é. a primeira e fundamental vocação que nos constitui a todos *iguais* em tudo e *plenamente* cristãos, antes de qualquer distinção de 'vocações' ou 'funções' na Igreja. *Por sermos cristãos* (não por vocação especial) estamos chamados à *plenitude da santidade*, somos *enviados em missão* e devemos ser *testemunhas de Cristo* com as nossas vidas. É algo *inerente à vocação cristã*, e não concedido ou permitido por delegação. Nesta ótica se entendem melhor as opções das duas últimas Assembléias. E a surpresa que nos causam revela talvez que ainda não assimilamos bem essa mudança.

E, no entanto, ela está na origem da CVX. Não por acaso a transição das CC.MM. para CVX teve lugar em 1967, apenas concluído o Concílio, com a formulação dos Princípios Gerais e a adoção de um novo nome, revelador da tomada de consciência operada: de "Federação mundial das CC.MM." à *Comunidade de vida cristã*.

Ao sublinhar com tanta força a dimensão apostólica e profética, as duas últimas Assembléias Gerais deram um grande passo, explicitando com mais clareza a *identidade* e o *lugar e missão* da CVX na Igreja. A CVX não se concebe como um 'movimento' a mais entre os muitos que proliferam hoje na Igreja. Define-se a si mesma como um *modo de estar* na Igreja, uma maneira de *viver a vocação cristã leiga no mundo*, alimentada e marcada pela experiência dos Exercícios espirituais de Santo Inácio.

A experiência espiritual de Inácio plasmada nos Exercícios – experiência de um 'leigo' que sonhava com transmitir essa experiência a outros leigos – é o elo que une a CVX com a Companhia de Jesus. E o que explica talvez que a Companhia, já na 31ª CG depois do Concílio, e mais recentemente na 34ª e na 35ª CG, tenha apostado por realçar e promover a vocação dos leigos, com vistas, sobretudo, à 'colaboração na missão', e convencida de que tal colaboração enriquece tanto a vocação do jesuíta como a do leigo e confere uma qualidade nova à missão.

Ter presentes estes pressupostos pode nos ajudar a compreender o alcance do desafio lançado à CVX pela Assembléia Geral: tornar-se um 'corpo apostólico e profético'.

## II. A CVX como 'corpo apostólico'

Como entender essa expressão? É uma simples imagem? Pura questão de nome?

Antropologicamente o 'corpo' não é algo que se tem ou do qual possamos nos desfazer impunemente; o 'corpo' é a maneira humana de existir, uma unidade articulada, não apenas a soma de partes; é a expressão do ser da pessoa, o que a torna presente e lhe dá visibilidade. O 'corpo' é um símbolo real: somos o que somos corporalmente.

Ao associar o adjetivo 'apostólico' ao termo 'corpo' a Assembléia Geral parece expressar algo da identidade profunda da CVX: ela é mais do que um 'movimento eclesial' e mesmo do que uma 'associação mundial pública de fiéis' (dimensão apenas jurídica). Ao qualificar a CVX como 'corpo apostólico' a Assembléia está dizendo que a CVX é um *corpo para a missão* (dimensão apostólica) no qual se expressa e se torna visível a sua identidade e a fonte da qual bebe (vocação cristã; dimensão eclesial).

Por ser 'corpo apostólico', a finalidade da CVX não se reduz ao aspecto do cultivo interior e espiritual. Se a dimensão apostólica é inerente à CVX, esse seu *ser-para-os-outros* deve encontrar as suas expressões visíveis, encarnadas. E elas não podem ser reduzidas às atividades de cada indivíduo. O corpo é expressão da totalidade, não de cada parte, nem da soma dos grupos ou comunidades. Como 'corpo apostólico mundial', a missão da CVX tem que expressar-se numa realidade apostólica nova. Quais as opções apostólicas que o Espírito inspira ou suscita na CVX? Eis algo a ser buscado e discernido em comum.

A missão da CVX se realiza *na Igreja* e é *para* o mundo, mas a sua vocação apostólica não pode ser equiparada à de um 'movimento eclesial' e muito menos contentar-se com alimentar a vida espiritual dos seus membros. Parafraseando documentos da CVX por vocês conhecidos poderíamos dizer que a CVX é um modo de 'estar na Igreja' vivendo a 'vocação cristã' *no mundo*. Como expressão leiga da espiritualidade inaciana, a CVX está chamada a viver essa experiência no mundo (encontrar Deus no mundo e o mundo em Deus), tornando-se presença da Igreja em qualquer situação ou lugar. Cabe ao 'corpo' (comunidades, nacional ou mundial) descobrir o 'como'. É a pergunta deste encontro: por onde nos leva o Senhor? Mas a pergunta não pode ser eludida sob pena de desfigurarmos a identidade da CVX.

Por isso eu ousaria dizer que o desafio de Nairobi à Comunidade Mundial é correr o risco de se constituir como 'corpo apostólico', realizar a passagem de 'comunidades de cultivo espiritual' para 'comunidades apostólicas'. Nairobi não se furtou a dar algumas sugestões (estilo de vida, autonomia econômica, estruturas apostólicas), mas a construção de um 'corpo apostólico' (como uma gestação) é um processo de discernimento necessariamente lento que deverá estender-se ao âmbito das

peças e das comunidades, até desembocar no momento da escolha, de uma opção comum que deve ser do 'corpo' e de cada pessoa.

### III. A CVX como 'comunidade profética'

Esta segunda dimensão da identidade da CVX foi interpretada de maneira direta e inspirada pelo Pe. Adolfo Nicolás o ano passado na Assembléia de Fátima. Da minha parte limitar-me-ei a explicitar um pouco o conteúdo da expressão.

O termo 'profético' pode nos assustar. Ninguém em sã juízo se atreveria a designar-se como profeta. A palavra, de fato, é associada com freqüência a pessoas visionárias, que adivinham ou são capazes de prever o futuro. De fato é um conceito que exige muito cuidado ao ser utilizado. Dar uma de profetas pode ser perigoso ou fazer-nos cair no ridículo. Os verdadeiros profetas nem sabem que o são nem o desejam. É algo que lhes é impingido. E dos que se apresentam como tais, o evangelho nos diz que não lhes demos ouvidos. Que significa designar a CVX como 'comunidade profética'?

Uma primeira observação é que o adjetivo 'profético' é apostroado ao substantivo 'comunidade'. Trata-se então do 'profetismo' de um grupo ou de uma comunidade, não de pessoas individuais. Neste primeiro sentido a expressão parece referir-se a algo inerente à vocação cristã: cada um de nós é chamado (dimensão pessoal) a uma vocação comum, que se realiza não de maneira individual, mas constituindo comunidade. E essa dimensão comunitária da vocação cristã teve desde o início uma força questionadora, um valor de sinal, profético, que aponta uma maneira nova de viver, não fundada na raça, na carne ou no sangue, no estatuto social ou político, nem mesmo na religião. Eram "os com Jesus".

Essa dimensão continua a ter hoje uma função profética e contracultural no vazio atual das relações humanas, numa cultura marcada pelo individualismo e numa sociedade que se caracteriza pela exclusão crescente das pessoas. Mostrar que é possível unir esses contrários numa verdadeira comunhão deveria fazer da comunidade cristã um sinal de autêntica 'comunidade alternativa'.

Esse primeiro sentido nos remete ao conceito de 'corpo', ou seja, à dimensão da visibilidade, e nos revela outro sentido do profetismo: a força que possui uma palavra quando se faz carne e sangue. A vida de Oséias, por exemplo, se tornou parábola viva da palavra que o Senhor lhe ordenava proclamar ao povo. A vida fala mais que as palavras. É o que chamamos testemunho. Não se trata, contudo, de 'dar' testemunho, mas de 'sermos' testemunhas. Mesmo sem falar. Não estaria a Assembléia de Fátima conclamando as CVX a terem um estilo de vida, como comunidades, que se torne profético, que seja palavra que fala? Os nossos contemporâneos estão cansados de discursos, mas vão atrás de testemunhas. Não é por acaso que o NT chama Jesus Cristo de 'testemunha fiel': o seu modo de ser 'falava', se impunha com 'autoridade', pela coerência da sua vida. Os exemplos arrastam. Vinde e vede!

Se a aproximação entre corpo apostólico e corpo profético não faz violência ao texto de Fátima, então o 'profético' da CVX seria o *estilo de vida* coerente e inseparável

da *opção apostólica*. As duas dimensões se completam. Não somos convidados a um profetismo desvairado. Trata-se do profetismo de Jesus, que não foi um João Batista nem como nenhum dos profetas, mas cuja vida por si mesma era uma 'palavra' que incomodava. Uma vida como a nossa, que não o separou de nós. Em tudo igual a nós, carne da nossa carne e sangue do nosso sangue, filho de mulher, submetido à lei. *O que* vivia era o que nós vivemos, mas *o modo de viver* era outro, diferente. Por isso o centurião ao pé da cruz tem que se render dizendo: *assim* só Deus pode morrer.

Conclusão: como ser (é possível?) comunidades proféticas?

Duas pistas:

a) aprender a *ver-contemplar* o mundo com os olhos e o coração de Deus. Cfr. as belas observações da palestra do Pe. A. Nicolás em Fátima.

Saber escutar o que acontece hoje no mundo. Que nos diz Deus? Escutar os sinais!

Saber ler e discernir esses sinais captando-lhes o sentido.

Saber tomar decisões: que é possível fazer?

b) aprender a *amar o mundo (e tratar as pessoas)* com o 'jeito de Jesus' com entranhas compassivas

introduzindo outra lógica na vida, nos acontecimentos e nas situações

curando e fazendo viver

acolhendo sem condições: per-doando! Vai e recomeça!